



6º SIMPÓSIO
INTERNACIONAL DE
CIBERJORNALISMO



Performance em Ciberjornalismo:
tecnologia, inovação e eficiência

Performance in cyberjournalism: technology, innovation and efficiency

1 a 3 de junho/2015 na UFMS
em Campo Grande-MS - Brasil

O papel dos ciberjornais do Centro-Oeste: um estudo discursivo sobre questões indígenas¹

Tatiane Queiroz² & Maria Luceli Faria Batistote³

Resumo: Mato Grosso do Sul concentra uma população de mais de 70 mil índios, a primeira maior do Centro-Oeste e a segunda maior do país. A maioria deles, nos municípios do sul do estado, mesma região onde se localizam grandes propriedades rurais que sustentam a principal atividade econômica: o agronegócio. Essa realidade tem gerado conflitos motivados por “disputas pela terra”, cuja violência tem sido mostrada pela imprensa regional e nacional. Em novembro de 2011, notícias do ataque ao acampamento indígena Guaiviry, que resultou na morte do cacique Nísio Gomes, permearam manchetes de ciberjornais de todo país. Com base nos pressupostos teóricos da semiótica discursiva, buscamos compreender os efeitos de sentido produzidos pelos relatos que compõem a cobertura jornalística do caso Guaiviry, a partir da análise de três textos, publicados no ciberjornal Campo Grande News, no período de novembro de 2011 a novembro de 2012. Para a apreciação do *corpus*, utilizamos conceitos pertencentes à sintaxe e à semântica do nível discursivo do percurso gerativo de sentido. Com enfoque no ciberdiscurso, os estudos apresentam simulacros, principalmente dos indígenas, construídos discursivamente pelos enunciados, bem como a ideologia adotada pelo ciberjornal e os mecanismos persuasivos utilizados pelo enunciador. Os resultados apontam figuras responsáveis pelo revestimento de temas, vinculados à problemática dos conflitos agrários e revelam, também, discursos contraditórios sobre o Caso Guaiviry.

Palavras-chave: Semiótica discursiva. Ciberjornalismo. Discurso. Indígenas.

¹ Artigo enviado na modalidade Grupo de Trabalho “Representações no Ciberjornalismo”.

² Graduada em Jornalismo; Mestre em Estudos de Linguagens; Pesquisadora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: jornalistatianequeiroz@hotmail.com

³ Docente do Curso de Letras e Mestrado em Estudos de Linguagens - CCHS/UFMS; Doutora em Linguística e Língua Portuguesa. E-mail: marialucelifaria@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo busca compreender efeitos de sentido produzidos por algumas matérias que compõem a cobertura jornalística do ataque ao acampamento indígena Guaiviry, localizado entre os municípios de Amambai e Aral Moreira, na região de fronteira do Brasil com o Paraguai, em Mato Grosso do Sul, na região Centro-Oeste do país. O crime, que ficou conhecido como “Caso Guaiviry”, ocorreu no dia 18 de novembro de 2011 e resultou na morte do cacique Nísio Gomes, de 55 anos. O ataque se deu motivado pela ocupação de parte de uma fazenda por um numeroso grupo de índios das etnias Guarani e Kaiowá. Cabe destacar que, inicialmente, a Polícia Federal considerou o crime como “desaparecimento”; meses depois, o caso foi tipificado como “homicídio”. O corpo do cacique, porém, não foi encontrado. A repercussão da morte de Nísio Gomes gerou diversas pautas que abasteceram a imprensa durante semanas e trouxe, novamente, à tona a discussão sobre os conflitos agrários e a situação de miséria em que vivem milhares de famílias indígenas no estado.

Essa situação de convivência entre indígenas e produtores rurais tem gerado, ao longo dos anos, conflitos motivados por “disputas pela terra”. De um lado, indígenas afirmam que foram expulsos de suas terras tradicionais e defendem a retomada de territórios; de outro, produtores rurais alegam que suas propriedades foram adquiridas dentro dos preceitos de legalidade, com a chancela do próprio Estado. Diante disso, este estudo foi motivado pela observação do modo com que a imprensa contou, interpretou e transmitiu a história do Caso Guaiviry e, assim, construiu discursos baseados no acontecimento. Além de identificar os efeitos de sentido produzidos pela cobertura jornalística, busca-se, também, revelar os mecanismos utilizados na construção desses discursos. Para tanto, recorreremos à teoria semiótica desenvolvida por Algirdas Julien Greimas para analisar três matérias da cobertura jornalística do Caso Guaiviry. Considerando o alcance da internet para a difusão e divulgação de conteúdos, elegemos, para compor o *corpus*, textos publicados no ciberjornal Campo Grande News.

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE CIBERJORNALISMO

O “jornalismo produzido na e para a internet” (MARTINS, 2012, p. 181) configurou-se como uma nova modalidade nas últimas duas décadas. As primeiras práticas ocorreram no começo dos anos 90, quando jornais impressos dos Estados Unidos passaram a disponibilizar

suas páginas para os leitores na *Web*. Com o tempo, percebeu-se que o ciberjornalismo não se tratava apenas de um novo formato, mas sim, de um produto discursivo distinto em um novo suporte (SCHWINGEL, 2012, p. 31).

Distintos pesquisadores buscaram denominações para essa nova modalidade de jornalismo como: jornalismo eletrônico, digital, on-line, na internet, no ciberespaço, interativo, entre outros. Schwingel (2012, p. 31-32) especifica as terminologias adotadas por diversos pesquisadores para a nova modalidade de jornalismo:

Em 2001, Díaz Noci defendia a denominação de “jornalismo eletrônico multimídia interativo”, buscando uma compreensão da prática. O autor apresentou uma série de termos, como jornalismo eletrônico, digital, online, na internet, do ciberespaço e telemático, e dizia que a variação do adjetivo para “jornalismo” seria escolhida de acordo com a conveniência e utilização. Hoje, adota Ciberjornalismo, conjuntamente com a maioria dos autores espanhóis (SALAVERRÍA, 2005). A sistematização de Salaverría (2005) aponta justamente para esta possibilidade de escolha que pesquisadores de diferentes línguas exercem ao designar a mesma modalidade. Autores de língua inglesa, como Hall (2001), De Wolk (2001), Ward (2002), utilizam o termo jornalismo online. E são seguidos por pesquisadores de língua hispânica, portuguesa, italiana e alemã (como Cabrera, Veloso, Palomo Torres, Squirra, Sousa e Aroso, Contaldo e Di Fabio, Fabbiani, Papuzzi, Hoffacker e Lackerbauer). Já o termo jornalismo em rede é utilizado em espanhol por Estevez e em italiano por Carelli. Jornalismo na internet é aplicado em espanhol por Díaz Noci e Meso e em português por Pinho (2003). Jornalismo Eletrônico é usado na Espanha por Armañanzas, Armentia e Lopez Garcia (1996) e em Portugal por Bastos (2000). Jornalismo multimídia é aplicado pelos espanhóis Alvarez Marcos e Pescador; pelo francês Laubier; e pelo italiano Pratellesi. Jornalismo Digital é o termo mais difundido mundialmente, e está sendo utilizado em espanhol por Armentia, Canga Larequi, Garcia Gallo; em português por Fidalgo e Serra (2003), Ferrari (2003), Machado e Palacios (2002). Ciberjornalismo seria nos últimos anos a terminologia mais adotada pelos pesquisadores espanhóis, de acordo com esta sistematização (SALAVERRÍA, 2005), e é usado por Gómez e Leal, Flores Vivar e Arruti, Zalcborg, Islas e Gutiérrez, Díaz Noci e Salaverría, Parra Valcarce e Alvarez Marcos, Granada, Ferrari, Agostini, Martin-Lagardette, Scanlan, Dube e De Wolk.

Embora, tenhamos a postura de respeitar as distintas opções de terminologias atribuídas ao jornalismo produzido na e para a internet, para este estudo, optamos pelo termo ciberjornalismo, adotado pela maioria dos teóricos europeus.

Schwingel (2012, p. 37) define ciberjornalismo como uma modalidade jornalística no ciberespaço que possibilita a composição de narrativas hipertextuais, multimídias e interativas. Historicamente, pode-se dividir a evolução do jornalismo digital em quatro gerações (2012, p. 45-47). A 1ª geração, a partir de 1992, com o surgimento de informações

noticiosas em páginas da web, por meio de transposições do conteúdo, de forma integral, dos jornais impressos para a web. A 2ª geração, a partir de 1995, com o aparecimento de produtos jornalísticos com características específicas da web, como personalização e interatividade. Nessa fase, a produção de conteúdo passa a ter funções distintas, mas ainda é vinculada ao modelo “metafórico” dos jornais impressos. A 3ª geração, a partir de 1999, quando os sistemas de gestão de conteúdo começam a ser utilizados na elaboração de produtos jornalísticos com diferenciais para o ciberespaço. Nessa fase, o radiojornalismo e o telejornalismo passam a ser integrados nos produtos para a web, ou seja, há uma valorização do audiovisual e da interatividade. E, a 4ª geração, a partir de 2002, com a utilização de bancos de dados integrados aos produtos jornalísticos, com o uso de sistemas de produção de conteúdos (apuração, inserção, edição e veiculação de informações) e, também, com a incorporação dos usuários no processo.

O ciberjornalismo caracteriza-se por incorporar os elementos que o meio propicia. Dessa forma, destacamos a multimídia, interatividade, hipertextualidade, atualização contínua e a flexibilização dos limites de tempo e espaço entre as principais características dessa modalidade de fazer jornalístico. De acordo com Schwingel (2012, p. 51-61), a multimídia consiste na utilização de diversas mídias, como textos verbais, textos visuais, vídeos e áudios na construção da narrativa jornalística. A interatividade caracteriza-se com a integração do usuário no processo de produção jornalístico. Sobre a interatividade, o teórico russo Lev Manovich afirma que toda comunicação intermediada por um computador é interativa. Dessa forma, ela pode ser considerada a característica mais básica dos novos tipos de mídias.

As novas mídias são interativas. A diferença das velhas mídias, em que a ordem de apresentação está determinada, é que agora o usuário pode interagir com um objeto midiático. Nesse processo de interação, o usuário pode escolher quais elementos ele quer ver ou quais caminhos ele quer seguir, gerando, assim, uma obra única. Neste sentido, o usuário se torna coautor da obra⁴ (MANOVICH, 2005, p. 24. Livre tradução).

A hipertextualidade consiste nas conexões, nos *links*, nas vinculações entre os conteúdos da narrativa jornalística. Pode ser determinada como “a teia que se constrói, e é percorrida ao deslocar-se por informações”. Para Maingueneau (2013, p. 94), a

⁴ Livre tradução de: Los nuevos medios son interactivos. A diferencia de los viejos medios, donde el orden de presentación está fijado, ahora el usuario puede interactuar con un objeto mediático. En ese proceso de interacción, puede elegir qué elementos se muestran o qué rutas seguir, generando así una obra única. En este sentido, el usuario se vuelve coautor de la obra (MANOVICH, 2005, p. 24).

hipertextualidade é “uma enorme rede de relações virtuais que permite um número ilimitado de percursos distintos, podendo o leitor navegar quase sem barreiras em um mar de enunciados”. Lévy (2006, p.33) define hipertexto como o “conjunto de nós ligados por conexões”. Eles possibilitam que o internauta acesse outros *links*, outros conteúdos de dentro da própria reportagem, que podem estar relacionados ou não ao assunto principal em que o leitor está imerso no momento.

A atualização contínua é a possibilidade de disponibilizar informações ou de reeditar e acrescentar conteúdos, a todo e qualquer momento, para os usuários na *Web*. Lima Junior (2009, p. 205) afirma que o computador, a internet e, principalmente, as tecnologias móveis, como *smartphones* e *tablets*, impulsionaram novas técnicas jornalísticas, em função das expectativas dos novos usuários, novos consumidores de informações. Esse “novo estágio pode ser percebido pelas demandas por um conteúdo atualizado em tempo real”.

No ciberjornalismo não há limites de espaço e tempo, como na mídia impressa ou televisiva, para a composição das narrativas jornalísticas. No ciberespaço não há número máximo ou mínimo de caracteres, por exemplo, ou de minutos para a disponibilização de uma informação.

Considerando o alcance da internet para a difusão e divulgação de conteúdos, foram escolhidos, para compor o *corpus* do presente trabalho apenas textos publicados no Campo Grande News. Na sequência, apresentamos algumas considerações acerca do ciberjornal selecionado para esta pesquisa.

2.1 ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O JORNAL CAMPO GRANDE NEWS

O Campo Grande News foi o primeiro ciberjornal da capital sul-mato-grossense. Ele não foi criado a partir da versão de uma publicação impressa, mas foi concebido para veicular conteúdos voltados para os internautas. O portal foi ao ar em março de 1999 e foi viabilizado por meio da parceria entre o empresário Miro Ceolim e o jornalista Lucimar Couto. O cibermeio tem a produção voltada para o público de Mato Grosso do Sul. Em março de 2008, o portal criou o “Repórter News”, um canal de interatividade e colaboração com os leitores. Os conteúdos são divididos nas seguintes editorias: capital, empregos, esporte, meio ambiente, rural, trânsito, economia, especiais, interior, política, tecnologia e cidades.

3 SOBRE O CÓRPUS

As matérias sobre o ataque ao acampamento indígena Guaiviry, em Mato Grosso do Sul, começaram a ser veiculadas no dia 18 de novembro de 2011, data em que ocorreu o fato. Como objeto empírico, foi delimitado um conjunto de três matérias sobre o caso, publicadas no período de novembro de 2011 a novembro de 2012.

A imprensa foi informada sobre o ataque por meio de uma nota publicada na página na internet do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e enviada para os meios de comunicação. Dessa forma, as primeiras notícias sobre o caso foram veiculadas, basicamente com informações do CIMI, confirmadas posteriormente pela Polícia Federal, ou seja, fontes oficiais. Somente alguns dias após o crime, equipes de reportagem de jornais impressos, emissoras de televisão e rádio e ciberjornais tiveram acesso ao acampamento e, com a presença de lideranças indígenas, puderam conhecer o cenário onde ocorreu o fato e entrevistar os “personagens” que, de fato, presenciaram o ataque. Destacamos que a cobertura do Caso Guaiviry foi permeada por acontecimentos que despertaram o interesse da imprensa, ao mesmo tempo, foi marcada por depoimentos controversos, conflitos entre fontes e acontecimentos inéditos que envolveram, inclusive, autoridades do Governo Federal como a Fundação Nacional do Índio (FUNAI)⁵ e o Ministério da Justiça. Por isso, a seleção dos textos não se deu de forma aleatória; eles compõem, na totalidade, os principais acontecimentos do caso. No entanto, consideramos que a análise não objetiva a exaustividade, mas a profundidade do caso, ou seja, no presente trabalho pretendemos examinar os discursos para descobrir os efeitos de sentido produzidos, além de revelar as estratégias utilizadas pelos enunciadores para a persuasão dos enunciatários. Seleccionamos os textos: 1. “MPF investiga atentado contra acampamento indígena em Amambai”, publicado em 18 de novembro de 2011, no *Campo Grande News*; 2. “Após ataque, medo se mistura à persistência de índios em ficar na terra”, publicado em 24 de novembro de 2011, no *Campo Grande News* e 3. “Dois meses após ataque, suspeita é que Nísio está vivo e no Paraguai”, publicado em 18 de janeiro de 2012, no *Campo Grande News*.

4 SOBRE A SEMIÓTICA DISCURSIVA

Embora existam, pelo menos, três teorias semióticas, como a norte-americana, desenvolvida por Charles Sanders Peirce; a russa, desenvolvida a partir de um grupo de

⁵ Órgão governamental de esfera federal encarregado de gerenciar questões indígenas de diversas ordens.

pesquisadores da Escola de Tártu-Moscou; e a francesa, proposta pelo lituano Algirdas Julien Greimas, nesta pesquisa, optamos pela última, também conhecida como semiótica greimasiana ou, ainda, discursiva.

Para a escolha, consideramos o caráter que ela assume de teoria do texto, já que, segundo Barros, “procura descrever e explicar o que o texto diz e o como ele faz para dizer o que diz” (2000, p.6). Fiorin explica que “à semiótica não interessa propriamente o significado, que pode ser obtido por uma paráfrase, mas a arquitetura textual que produz o sentido” (2008, p.122), ou seja, “o objeto da semiótica não é o sentido, mas sua organização; não é o conteúdo, mas sua forma” (2008, p. 123).

O objeto de estudo da semiótica, o texto, pode ser definido como uma relação entre um plano conteúdo e um plano de expressão. Segundo Pietroforte (2012, p. 11), o plano de conteúdo “refere-se ao significado do texto”, o plano de expressão “refere-se à manifestação desse conteúdo em um sistema de significação verbal, não verbal ou sincrético”.

As matérias que pertencem ao *corpus* desta pesquisa são exemplos de sistemas de significação sincréticos, uma vez que são formadas por linguagens verbais e visuais (fotografias). Para a semiótica, um texto possui diversas camadas; por isso, os sentidos podem ser analisados sob a forma de um “percurso gerativo”, que se estrutura do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. “O percurso gerativo é um simulacro metodológico das abstrações, das generalizações, que o leitor faz ao ler” (FIORIN, 2008, p. 126).

Batistote (2012, p. 38) destaca que essa teoria apresenta modelos para a análise da significação que vão além da palavra, além da frase, e atuam na dimensão do discurso.

A primeira etapa do percurso gerativo de sentido é denominada nível fundamental; a segunda, nível narrativo; e a terceira, nível discursivo. Cada um desses níveis tem uma sintaxe e uma semântica próprias. Em nossas análises, mobilizaremos o nível discursivo.

Na semântica discursiva, a enunciação é estudada por meio dos “valores” presentes na narrativa, concretizados em percursos temáticos e revestidos por percursos figurativos. Os temas são os conteúdos semânticos tratados de forma abstrata, as figuras são os conteúdos semânticos sensoriais que revestem os temas.

O estudo da enunciação é feito de duas maneiras: Por meios da sintaxe e da semântica discursiva. Pode-se dizer que a sintaxe discursiva explica as relações entre enunciador/autor e enunciatário/leitor, e revela os mecanismos de manipulação e persuasão utilizados no discurso.

Nesse contexto, pode-se dizer que cada uma das histórias, das versões, ou seja, dos enunciados que fazem parte da cobertura do Caso Guaiviry, são assumidos por um sujeito. Por sua vez, essas versões são dirigidas ao público, internautas, leitores, ou seja, aos enunciatários.

Desse modo, a teoria semiótica mostra que toda comunicação é uma forma de manipulação e, por isso, as “escolhas” feitas pelo sujeito da enunciação evidenciam as estratégias de persuasão e o seu modo de operar.

Para as análises do *corpus* da pesquisa, utilizamos também o conceito de “simulacro”, compreendido pela semiótica como “parecer verdadeiro”. Barros afirma que “os simulacros são objetos imaginários, que não têm fundamento intersubjetivo, mas, mesmo assim, determinam as relações intersubjetivas” (2002, p. 63). As reportagens sobre o Caso Guaiviry, ao construírem os “pareceres” dos personagens, pretendem que eles sejam entendidos como “verdadeiros” pelo leitor.

Após a exposição dos conceitos pertencentes à semiótica greimasiana, é importante destacar que os níveis do percurso gerativo de sentido podem ser estudados e aplicados separadamente.

Com já dito, um texto manifesta-se quando o plano de conteúdo é relacionado com o plano de expressão. Em alguns textos, o plano de expressão opera apenas para a veiculação, mas em outros casos, ele constrói efeitos de sentido. Fiorin (2012, p.57) distingue dois tipos de texto: os que possuem função utilitária, ou seja, que têm o objetivo de informar, convencer, explicar ou documentar; e aqueles que possuem função estética.

No caso da cobertura fotojornalística do Caso Guaiviry, por exemplo, as imagens, dotadas de valor jornalístico, possuem função utilitária e função estética, ao mesmo tempo.

Para a compreensão de um texto com função utilitária e função estética, é necessário entender não apenas os elementos do conteúdo, mas o significado dos elementos da expressão. Segundo Lara, “o plano de expressão pode não se limitar a expressar o conteúdo, nesse caso, ele cria novas relações com o conteúdo, contribuindo para a significação global do texto” (2011, p. 3).

A semiótica plástica, também chamada de semiótica visual, dedica-se aos textos com função estética. Considerada como um dos desdobramentos da semiótica greimasiana, teve Jean-Marie Floch como um de seus principais fundadores. Colaborador de Greimas, Floch se dedicou ao estudo das linguagens visuais, como pinturas, esculturas e peças publicitárias.

5 EFEITOS DE SENTIDO NA COBERTURA DO CASO GUAIVIRY

5.1 Aparecimento do caso: análise da primeira matéria

A primeira matéria publicada no ciberjornal sobre o Caso Guaiviry descreve o dia do ataque ao acampamento indígena, conta como ocorreu o crime e detalha o local onde ocorreu a ação. Na notícia, o enunciador busca apresentar ao enunciatário a espacialização, ou seja, localização onde se passou o fato, na região sul de Mato Grosso do Sul, na faixa de fronteira do Brasil com o Paraguai e, também, a temporalização, data e horário do fato. No entanto, percebe-se que, neste primeiro momento, o autor não apresenta, de maneira definitiva, os atores que compõem cada uma das histórias narradas.

Indicações de data e horário

18/11/2011 18:50

MPF investiga atentado contra acampamento indígena em Amambai

Fabiano Arruda

Lider guarani teria sido assassinado e foi levado em caminhonete por pistoleiros

O MPF (Ministério Público Federal) divulgou nota nesta sexta-feira em que afirma que investiga o atentado, por volta das 6h30 de hoje, praticado por pistoleiros fortemente armados contra a comunidade Kaiowá Guarani, do acampamento Tekoha Guaiviry, em Amambai, região de fronteira.

Informações dão conta que o líder indígena Nisio Gomes, de 59 anos, teria sido executado com tiros na cabeça. O MPF trata o caso como desaparecimento, já que o corpo da vítima foi levado pelos pistoleiros e não há a confirmação oficial da morte, contudo, depoimentos de indígenas e informação do Cimi (Conselho Indigenista Missionário) confirmem o óbito.

Integrantes da Polícia Federal, MPF e Funai (Fundação Nacional do Índio) estiveram no local nesta tarde e os trabalhos de perícia confirmaram, segundo o ministério público, presença de sangue humano no local em que o cacique levou os tiros. Também ficou comprovado que o corpo foi arrastado.

Há também a informação de que outras duas pessoas foram mortas. Relatos de indígenas também dão conta de que uma mulher e uma criança estão desaparecidos, mas não há a confirmação, pois, das 60 pessoas que residem no acampamento, apenas dez foram ouvidos. O restante da comunidade se dispersou no meio da mata.

Ainda segundo informações do MPF, um dos filhos de Nisio está no Instituto Médico Legal de Ponta Porã realizando exames de corpo de delito. Ele teria levado tiros de balas de borracha, do mesmo tipo encontrado em ataque recente ocorrido contra um acampamento indígena em Iguatemi, em 23 de agosto.

O MPF informa ainda que não deve divulgar mais informações para não comprometer o andamento das investigações.

Título

Subtítulo

Fotografia

Legenda e crédito




Figura 1: Matéria publicada no dia 18 de novembro de 2011

Fonte: Campo Grande News

A matéria é composta de seis parágrafos, ou seis enunciados verbais, com título⁶, subtítulo⁷ e indicações de data e horário em que ela foi publicada. Também há a indicação do autor do texto.

No corpo da reportagem, há uma fotografia com legenda⁸ e crédito que, nesse caso, aponta o nome de um órgão, o que indica que a imagem não foi feita pela equipe do veículo de comunicação que publicou a reportagem.

Os enunciados podem expor contratos de mentira ou de verdade entre autor e leitor. Neste caso, por se tratarem de textos jornalísticos, publicados em ciberjornais, estabelecem contratos de “veridicção”, entre o enunciador e o enunciatário.

Após identificar o tipo de contrato que se estabelece entre enunciador e enunciatário, cabe, ainda, verificar os mecanismos utilizados para persuadir o leitor e também os procedimentos utilizados por esse leitor para interpretar o discurso.

ase que em sua totalidade, em terceira pessoa, ou seja, no tempo do “então” e no espaço do “lá”. Esse mecanismo, denominado pela semiótica como debreagem enunciativa, cria um efeito de distanciamento e tem por finalidade convencer o enunciatário de que o discurso é “imparcial”.

Outro recurso utilizado para persuadir o leitor é a ancoragem. Para Barros (2000, p. 60), “trata-se de atar o discurso a pessoas, espaços e datas que o receptor reconhece como reais ou existentes”. A ancoragem pode ser actancial, espacial ou temporal; esse mecanismo produz efeitos de “realidade” e de “referencial”. No *lead*⁹ da reportagem, o enunciador utiliza desse recurso de forma “exaustiva”. No caso do Campo Grande News; “pistoleiros” e “comunidade Kaiowá Guarani. É verdade que as pessoas e os grupos citados fazem parte do mundo natural e, por isso, o leitor os reconhece como atores reais, agindo em uma situação real.

⁶ Rabaça e Barbosa (1987, p. 577) definem título como a palavra ou a frase, geralmente composta em corpo maior do que o utilizado no texto, e situada com destaque no alto de notícia, artigo, seção, quadro, etc., para indicar resumidamente o assunto da matéria e chamar a atenção do leitor para o texto.

⁷ De acordo com Rabaça e Barbosa (1987, p. 550), o subtítulo é o título secundário, colocado imediatamente após o título principal de uma matéria jornalística. (...) Serve para destacar algum detalhe que completa o sentido do título e segue, geralmente, as mesmas normas de redação deste.

⁸ De acordo com Rabaça e Barbosa (1987, p. 357), a legenda é o texto jornalístico que acompanha uma ilustração. Vem geralmente abaixo da foto ou desenho, mas pode igualmente estar colocada ao seu lado, acima, ou mesmo dentro do seu espaço. A legenda jornalística é uma frase curta, enxuta, destinada a indicar ou ampliar a significação daquilo que a acompanha. (...) Sua finalidade é interessar o leitor o suficiente para que volte a olhar a fotografia com maior atenção.

⁹ Primeiro nível da pirâmide invertida, uma das técnicas de redação do jornalismo escrito, onde o texto de uma notícia começa pelos dados mais importantes – a resposta às perguntas: o quê, quem, onde, como, quando e por que – seguido de informações complementares organizadas em blocos decrescentes de interesse (CANAVILHAS, 2007, p. 5).

Ainda para persuadir o receptor, o autor contextualiza a história fazendo ancoragens temporais nos textos; como “sexta-feira”, “6h30 de hoje” e “manhã desta sexta-feira (18)”. O leitor pode questionar se seria possível, em meio a um ataque, precisar, por exemplo, o horário do fato. No entanto, ao caracterizar o momento em que se passa a história, dar detalhes que não contribuem significativamente com a narrativa, o enunciador consegue situar o leitor em um determinado tempo, e assim, cria efeitos de referente. “Se são reais as personagens, os locais e os momentos em que os fatos ocorrem, torna-se verdadeiro todo o texto que a eles se refere” (BARROS, 2000, p. 60).

Há, no texto, ancoragens espaciais como: “acampamento Tekoha Guaiviry”, “região de fronteira”, “região sul de Mato Grosso do Sul” Da mesma maneira, ao detalhar a localização do fato, o autor situa o leitor em um determinado espaço. Mesmo nunca tendo visitado os locais citados na história, o enunciatário tem a “impressão”, a “ilusão”, de saber exatamente onde ocorreu o fato.

Na semântica discursiva, as mudanças de estado são concretizadas e os valores presentes na narrativa são organizados em percursos temáticos, revestidos por percursos figurativos.

Tendo como modelo Batistote (2012, p. 92), destacamos temas e figuras apresentados no texto jornalístico:

Tema	Figuras
Violência	<p>“(…) afirma que investiga o atentado”</p> <p>“(…) o líder indígena Nísio Gomes, de 59 anos, teria sido executado com tiros na cabeça”</p> <p>“(…) presença de sangue humano no local”</p> <p>“(…) ficou comprovado que o corpo foi arrastado”</p>
Guerra/ confronto	<p>“(…) praticado por pistoleiros fortemente armados”</p>

A figurativização predominante na descrição do ataque é indicada por figuras como: atentado, executado, tiros, sangue e morte. Uma segunda característica que chama a atenção na figurativização é a descrição dos suspeitos pelo ataque: pistoleiros fortemente armados. A figurativização manifesta os temas de violência exacerbada, de guerra e de confronto.

5.2 Análise da segunda matéria

Debruçamo-nos, aqui, sobre as fotografias da reportagem publicada no Campo Grande News, no dia 24 de novembro de 2011, seis dias após o ataque ao acampamento indígena Guaiviry. No texto intitulado “Após ataque, medo se mistura à persistência de índios em ficar na terra”, as fotografias, sistemas semióticos visuais, aparecem articuladas com as legendas, sistemas semióticos verbais, compondo, dessa forma, textos sincréticos. Em um primeiro momento, isolamos as imagens das legendas para analisá-las separadamente. Posteriormente, compreendemos efeitos de sentido desses textos sincréticos, avaliando as relações estabelecidas entre os dois sistemas, o visual e o verbal.



Figura 2

As fotografias da matéria publicada no ciberjornal Campo Grande News foram tiradas no acampamento Guaiviry, em Aral Moreira, alguns dias após a morte do cacique Nísio Gomes.

A primeira fotografia da reportagem (Figura 2), do fotojornalista João Garrigó, traz em primeiro plano a figura de um indígena; esse papel temático é justificado pela figura de um homem, de pele morena, cabelos pretos, olhos escuros e pintura no rosto. O enquadramento utilizado, denominado de grande plano ou *close-up*, valoriza a expressividade do sujeito fotografado, por isso, visualizamos apenas a face do homem e não vemos o “resto” do corpo. Assim, não sabemos se ele é alto ou baixo, gordo ou magro, se está vestido, seminu ou nu. No rosto, vemos uma pintura, de cor preta e sem formas definidas. A composição de luz e sombra da fotografia destaca a boca e o nariz, mas esconde parte da face do homem. A imagem traz, no plano de fundo, três personagens, três mulheres, com pele morena, cabelos de tamanhos médios ou longos, e de cor escura. Como nesta parte da fotografia as personagens estão em um enquadramento de plano próximo, visualizamos, apenas, dos ombros para cima.

Ao verificar o plano de conteúdo, chama atenção a direção do olhar de cada um dos sujeitos fotografados. Notamos que, enquanto o homem está com o olhar voltado para frente, ou para o horizonte; as mulheres estão com os olhares direcionados para baixo, ou para o chão. Nessa perspectiva, temos a oposição entre ser superior e ser inferior, em relação às categorias homem e mulher. Isso produz o efeito de sentido de que o homem indígena é visto como sujeito superior; e a mulher como sujeito inferior.

Outro ponto é a pintura no rosto do personagem que está em primeiro plano. A figurativização na cor preta remete a diversos temas como miséria, tristeza, desgraça, dor, temor, opressão, angústia e morte.

Para analisar o plano de expressão de todas as fotografias, utilizamos três dimensões: a topológica, a eidética e a fotocromática, como propõe Lara (2011). A ordem das dimensões não será relevante para a análise, uma vez que elas se articularão e se complementarão na unidade, ou seja, no texto.

Na primeira fotografia (Figura 4), é possível determinar pelo menos duas categorias plásticas. As cores (dimensão fotocromática) aparecem como elementos distintivos. Na definição do “espaço” fotografado, nota-se a predominância de duas cores (dimensão fotocromática): o verde, cor fria, que representa a mata, a vegetação; e a cor marrom, cor quente, que representa a terra, o chão. Podemos dizer que essas categorias plásticas remetem à oposição temático-figurativa da pujança vs. escassez. A oposição de luz /claridade que ilumina parte da face do indígena vs. a sombra/*escuro*, que esconde parte do rosto, divide o personagem fotografado em dois. Pode-se dizer que a figura do indígena é iluminada e

sombria ao mesmo tempo, o que remete, no plano de conteúdo, à oposição de bem vs. mal e produz o efeito de sentido de simultaneidade entre essas forças, ora o sujeito indígena apresenta-se como bom, ora de forma maléfica.

Na imagem, há linhas de força implícitas que se concentram e que condicionam o olhar do enunciatário para o sujeito em destaque, em primeiro plano, ou seja, para o homem indígena. Em oposição, outras linhas de força se difundem conduzindo o olhar do observador a outros objetos da fotografia e personagens de menos destaque, em segundo plano, ou seja, para as mulheres. Essa organização sugere, portanto, a oposição de concentração vs. difusão (categoria eidética), na definição das relações entre as pessoas fotografadas e remete aos valores semânticos citados anteriormente, de sujeito superior vs. sujeito inferior.

Temos, dessa forma, o seguinte quadro de correlações entre o plano de conteúdo e o plano de expressão, responsáveis pela construção de relações semissimbólicas, ou seja, pela unidade de sentido do texto:

Plano de conteúdo	bem vs. mal pujança vs. escassez sujeito superior vs. sujeito inferior	
Plano de expressão	Categoria fotocromática	cor fria vs. cor quente luz vs. sombra
	Categoria eidética	concentração vs. difusão



Figura 3

A segunda fotografia da reportagem (Figura 3), também, ocupa uma posição de destaque no texto sincrético como um “todo” e predomina cores frias. A imagem é dividida por uma linha de perspectiva que distingue “céu”, representado pelos tons de azul; e terra, figurativizada por tons de verde. Dois personagens compõem a ilustração. Em primeiro plano, uma indígena, cujo papel temático é justificado pela figura de uma mulher, de pele morena, cabelos negros, longos e pinturas no rosto, que parece estar com o olhar voltado para frente. Ela segura um objeto, um pedaço de madeira, que lembra um cajado, ou uma lança artesanal, e que está voltado para baixo. Em segundo plano, um homem, jovem, figurativizado em um corpo magro, também de pele morena e cabelos pretos e curtos. Devido à profundidade de foco, não há definições precisas em relação às formas do sujeito fotografado em segundo plano. Mesmo assim, nota-se que segura um objeto semelhante ao que está com a mulher, mas voltado para cima. No plano de fundo há apenas uma cerca, aparentemente de tábuas, uma ao lado da outra, em posição vertical. Em relação ao enquadramento, nota-se a mulher em um plano médio e o jovem em um plano de conjunto.

No plano de expressão, destacamos a oposição superior vs. inferior (categoria topológica), reforçada na separação das cores frias (categoria fotocromática): na parte de cima, a harmonia em tons de azul, figurativizada pelo céu, remete ao tema de “plano celestial”; na parte de baixo, a harmonia em tons de verde, figurativizada pela plantação, faz alusão ao tema de “plano terrestre”. Na perspectiva do discurso religioso, os elementos da imagem sugerem uma oposição semântica do divino vs. o humano. É importante destacar também que a harmonia de cores frias causa um efeito de sentido de distanciamento.

As análises das imagens revelam conotações negativas em relação aos indígenas das etnias Guarani e Kaiowá na reportagem publicada no cibermeio, além de uma exploração excessiva do sofrimento e do medo do grupo que teve o acampamento atacado.

A legenda da primeira fotografia, “o rosto pintado contrasta com o verde das plantações em área ocupada por índios guarani-kaiowá”, descreve a imagem e reforça os efeitos de sentido apreendidos pelas relações semissimbólicas descritas. Na segunda fotografia, a legenda “em meio à plantação de soja, índios guarani-kaiowá dizem que vão ficar no lugar”, produz efeito de sentido de permanência e resistência apesar dos fatos.

5.3 Análise da terceira matéria

Indicações de data e horário	←		→	Editoria
		Dois meses após ataque, suspeita é que Nísio está vivo e no Paraguai		Título
		Inquérito sobre episódio em acampamento Guaitir, em Aral Moreira, já está concluído e aguarda posicionamento do MPF a respeito		Subtítulo
Enunciado verbal 1	←	Faz dois meses hoje que o acampamento Guaitir, em Aral Moreira, virou notícia no mundo todo, após um ataque aos índios guarani-kaiowá acampados no local à espera da demarcação da fazenda como terra indígena. Desde então, prevalece como mistério o paradeiro do líder da comunidade Nísio Gomes, 59 anos.		Fotografia
Enunciado verbal 2	←	A Polícia Federal acredita que Nísio pode estar vivo e, segundo apurou o Campo Grande News , a suspeita é que ele esteja no Paraguai. Para os índios, Nísio foi assassinado por pistoleiros contratados por fazendeiros, que invadiram a área no dia 18 de novembro.		Legenda e crédito
Enunciado verbal 3	←	Para a PF, um indício forte de que Nísio esteja vivo é o saque de um benefício que ele tem feito em Brasília, e que nenhum parente assumiu.		Enunciado verbal 5
Enunciado verbal 4	←	Não existe mais uma operação de busca pelo corpo, uma vez que a PF entendeu que não havia evidências de uma execução, como foi afirmado inicialmente. A Corporação considerou um indício de que Nísio esteja vivo um saque de um benefício que ele tem feito em Brasília, e que nenhum parente assumiu.		Enunciado verbal 6
Imagem publicitária	←			Enunciado verbal 7
		As imagens da pessoa que fez o saque não foram conclusivas para a identificação.		Enunciado verbal 8
		Como o clima na região ficou tenso, mobilizando até a vinda de representantes do Governo Federal, foi mantida a presença da Força Nacional de Segurança na região, rondas próximas do acampamento para evitar conflitos.		Enunciado verbal 9
		Hoje, a Aty Gassu, assembleia que reúne lideranças indígenas da região, divulgou nota em que cobra atitude do Governo sobre o caso, dois meses após, para que não caia, segundo a nota, na impunidade. “Se o Estado brasileiro não agir, tememos que o Guaitir e outras comunidades guarani e kaiowá sofram mais violências”, afirma o texto. “A situação de impunidade está gerando uma realidade revoltante: os pistoleiros não estão tendo mais vergonha de chegar a um acampamento em plena luz do dia para ameaçar as comunidades e matar lideranças”, segue a nota.		
		Encaminhamento-De concreto, até agora, a investigação sobre o episódio de novembro em Guaitir tem um inquérito concluído, já encaminhado ao MPF (Ministério Público Federal) em Ponta Porã. O documento indica mocinhos e bandidos dos dois lados.		
		A PF indiciou 10 pessoas, entre fazendeiros, seguradoras e donos de empresas de vigilância, pelo ataque ao acampamento, com balas de borracha. Do lado dos indígenas, também houve um indiciamento, do filho de Nísio que testemunhou o ataque, por falso testemunho.		
Enunciado verbal 10	←	O MPF não comenta o resultado do inquérito, que agora aguarda a decisão do órgão sobre o que vai ser feito do caso. O procurador responsável pode fazer a denúncia à Justiça da forma como a Polícia mandou, ou ainda pedir novas diligências.		

Figura 4: Matéria publicada no dia 18 de janeiro de 2012

Fonte: Campo Grande News

Para produzir efeito de sentido de realidade, instaura-se já, no título, uma debreagem temporal (Dois meses após ataque) e uma espacial (no Paraguai), mas, diferentemente das matérias anteriores, não faz uso de debreagem actancial.

Notamos que, no texto, aparecem os mesmos temas das matérias anteriores. As figuras que levam ao tema do desaparecimento já aparecem no primeiro parágrafo: *“Faz dois meses hoje que o acampamento Guaiviry, em Aral Moreira, virou notícia no mundo todo, após um ataque aos índios guarani-caiua acampados no local à espera da demarcação da fazenda como terra indígena. Desde então, prevalece como mistério o paradeiro do líder da comunidade Nísio Gomes, 59 anos”*.

No segundo parágrafo, o enunciador apropria-se de uma estratégia muito utilizada pela imprensa para persuadir o leitor. Observemos o recorte: *“A Polícia Federal acredita que Nísio pode estar vivo e, segundo apurou o Campo Grande News, a suspeita é que ele esteja no Paraguai. Para os índios, Nísio foi assassinado por pistoleiros contratados por fazendeiros, que invadiram a área no dia 18 de novembro”*.

Ao enunciar *“(...) segundo apurou o Campo Grande News”*, o autor opera com uma debreagem actancial enunciva instalando um “ele, o Campo Grande News”, ao invés de um “eu, o Campo Grande News” no texto. Com isso, criam-se efeitos de sentido de distanciamento e de imparcialidade. Em nenhum momento o ciberjornal explica a procedência da informação inscrita no enunciado, mas, ao empregar o verbo *“apurou”*, o enunciador pretende passar ao enunciatário as impressões de veracidade e de credibilidade. Notamos ainda que o autor utiliza-se de uma oposição de discursos, que também produz efeitos de sentido. Ao estabelecer o contraste entre os posicionamentos da Polícia Federal e dos índios, o texto deixa claro, ao leitor, que o ciberjornal identifica-se com o primeiro discurso, e não com o segundo.

No terceiro e no quarto parágrafos, o autor constrói um simulacro de valor negativo de Nísio Gomes ao reproduzir o discurso da PF sobre uma suposta ação realizada pelo cacique, como verificamos no trecho: *“Para a PF, um indício forte de que Nísio esteja vivo é o saque de um benefício que ele tem feito em Brasília, e que nenhum parente assumiu”*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do *corpus*, sob a perspectiva da teoria semiótica discursiva, permitiu recuperar marcas deixadas pela enunciação e, com isso, compreender efeitos de sentido

gerados pela cobertura jornalística do Caso Guaiviry, assim como as ideologias presentes nos discursos das matérias.

Levando-se em consideração apenas os títulos e as datas de publicação das notícias, percebe-se que a primeira foi publicada na data em que ocorreu a invasão ao acampamento, ou seja, no dia do crime. Por ser a primeira matéria, permite uma análise "preliminar" dos efeitos de sentidos construídos pelos discursos dos enunciatários. Já o segundo texto, intitulado como "Após ataque, medo se mistura à persistência de índios em ficar na terra" pode ser classificado como uma "reportagem especial". É mais extenso, contém relatos de personagens e fotografias (sistemas semióticos visuais) que possibilitam uma análise mais aprofundada dos valores apresentados aos enunciatários. A última matéria aparece como uma espécie de "divisor de águas" na cobertura sobre o caso. Ao informar que o cacique Nísio Gomes pode "estar vivo", o enunciado constrói a primeira versão dos fatos e fortalece a ideia de desaparecimento, à medida em que enfraquece a hipótese de homicídio construída, anteriormente, pelo meio de comunicação.

Pelas análises, revela-se a predominância da terceira pessoa, ou seja, do tempo do "então" e do espaço do "lá", que contribuem para a produção do efeito de sentido de distanciamento.

Na análise da cobertura fotojornalística do caso sob o olhar da semiótica plástica, tida como desdobramento da semiótica greimasiana, apresentamos as oposições semânticas projetadas pelas relações semissimbólicas, ou seja, pelas correlações entre os planos de conteúdo e de expressão das imagens publicadas no Campo Grande News. Destacamos a relevância dos elementos fotográficos para a produção de efeitos de sentido, como os planos, as linhas e as cores. Nos sistemas semióticos visuais investigados apreendemos, entre outros, os sentidos de "bem e mal", revelados pela oposição de cores frias e quentes, e de luz e sombra, que fortalecem a ideia do indivíduo indígena ora bom, ora maléfico. A investigação também apontou a construção de simulacros negativos dos indígenas, estigmatizados pela exploração excessiva do sofrimento e de outros fatores.

Por fim, é possível perceber formações ideológicas que reforçam discursos estigmatizados e preconceituosos.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo, SP: Ática, 2000.
- BATISTOTE, Maria Luceli Faria. *Semiótica francesa: busca de sentido em narrativas míticas*. Campo Grande, MS: UFMS, 2012.
- FIORIN, José Luiz. A Semiótica Discursiva. In: LARA, Gláucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lúcia; EMEDIATO, Wander (org.). *Análises do discurso hoje*. Volume 1. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2008.
- _____. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo, SP: Contexto, 2011.
- _____. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo, SP: Contexto, 2012.
- GREIMAS, Algirdas Julien e COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo, SP: Contexto, 2012.
- LARA, Gláucia Muniz Proença. *A imagem como objeto de ensino*. Cadernos de Semiótica Aplicada, v. 9, p. 1-14, 2011.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. São Paulo, SP: Ed.34, 2006.
- LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. *Tecnologias emergentes desafiam o jornalismo a encontrar novos formatos de conteúdo*. Comunicação & Sociedade, Volume 30, p. 201-225, 2009.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo, SP: Cortez, 2013.
- MANOVICH, Lev. *El lenguaje de los nuevos medios de comunicación*. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- MARTINS, Gerson Luiz. Protocolo de qualidade em Ciberjornalismo na Espanha e no Brasil. In: D' ANDRÉA, Carlos; LONGUI, Raquel (org.). *Jornalismo Convergente: reflexões, apropriações, experiências*. Florianópolis, SC: Insular, 2012.
- PIETROFORTE, Antônio Vicente. *Semiótica visual: os percursos do olhar*. São Paulo, SP: Contexto, 2012.
- SCHWINGEL, Carla. *Ciberjornalismo*. São Paulo: Paulinas, 2012.